



Cavacando Memórias:

Narrativas de história de vida de Deuzuila Machado, anciã indígena do povo Anapuru Muypurá do Maranhão

Gleydson de Castro Oliveira¹

O presente texto apresenta narrativas de história de vida da anciã indígena Deuzuila Machado, minha bisavó, cujo o povo é dado como extinto pelo Estado, um silenciamento fruto do processo de colonização. Em entrevista semiestruturada realizada no dia 06 de junho de 2020, durante a pandemia da Covid-19, Deuzuila Machado, natural de Chapadinha – MA, me contou a história da nossa família, do lugar onde ela nasceu e onde já viveu e vive até hoje, aos seus 81 anos. Com o bastão na mão, ela foi nas suas palavras, cavacando memórias. “Cavacar” é uma palavra usada na lavoura para designar o ato de fazer fendas na terra para semear. Esta expressão nos possibilita compreender o quanto suas memórias foram construídas/vivenciadas, ao longo da sua vida que aqui conto brevemente, na sua relação com a terra, a roça, o plantio e o campo. Após compartilhar a biografia da minha bisavó a partir dos seus relatos e mantendo os aspectos culturais da sua oralidade, concluo o texto com considerações sobre o contexto histórico, processo de silenciamento e resistência do nosso povo Anapuru Muypurá na região do Baixo Parnaíba maranhense, região onde nasceu e vive Deuzuila e a nossa família. São consideradas palavras-chave desse texto: Memórias; Pertencimento; Retomada Ancestral; Anapuru Muypurá.

No processo de “cavacar” memória é indispensável paciência e espera, assim como o apreço pela escuta, fonte inesgotável de conhecimento e sabedoria. Partindo desse princípio, exponho aqui

¹ Conhecido popularmente como Lucca Muypurá, é arte-educador e faz parte do movimento de retomada do povo indígena Anapuru-Muypurá na região do Baixo Parnaíba maranhense. Mestrando em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia -UFRB, pós-graduando em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (IFBAIANO) e licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2018), com período sanduíche realizado na Universidad de Guadalajara, no México. <https://orcid.org/0000-0003-4883-8550> Email: gc.pesquisateatro@gmail.com



horas de conversa com minha bisa, relatos de um passado marcado por silenciamentos, violações e resistência do povo Anapuru Muypurá.

Deuzuila Silva Machado nasceu no dia 27 de setembro de 1939, no Povoado Bom Jesus, região interiorana do município de Chapadinha – MA, atualmente tem 81 anos de idade e mora no povoado Carnaúba Amarela. Filha de Judite da Silva Costa e Sirnandes. Toda sua vida foi construída e vivida no campo, onde reside até hoje. Com seu bastão na mão, ela, nas suas próprias palavras, *cavacando memórias*, faz uma viagem no tempo, percorrendo lugares, pessoas, dores, amores, perdas e ganhos. Essa troca é inestimável e os temas são repetidamente sobre sua vida, o território onde nasceu, sobre o nosso povo, sobre quem somos. Costurar essas memórias como minha bisavó tem sido fascinante.

“Cavacar” é uma palavra usada na lavoura para designar o ato de fazer fendas na terra para semear, em outras palavras, é “abrir um buraco”, que pode ser profundo ou não. Essa expressão nos dá margem para compreender o quanto suas memórias foram construídas e vivenciadas, pautadas na sua relação com a terra, com a roça e o plantio, o cavacar no campo e na vida, na luta pela sobrevivência. Minha bisa cavacou suas memórias para plantar sementes de vida e luta.

Quando minha bisavó nasceu, a sua mãe, Judite, estava cortando cana no sítio onde morava, no povoado Bom Jesus, zona rural da cidade. “Minha mãe estava cortando cana, foi pra casa e lá deu as dores... ela foi buscar comida para o pessoal que estava trabalhando no canavial, aí nem a comida ela comeu, porque já foi dando as dores”². Nasceu sem chorar e foi no povoado Bom Jesus, “terra de muita fartura”, que teve seus primeiros contatos com a vida na lavoura:

Nós éramos nove irmãos. Nós trabalhava na lavoura, a terra era muito farta, uma terra de sítio com muitas frutas: laranja, abacate, tangerina, jaca, juçara... Muito bom. Minha mãe era uma mulher muito guerreira, trabalhava de roça. (...) Nós tirava a lavoura. Era assim... roçava o mato, queimava, tirava madeira, fazia cerca, *encoivarava*, cultivava tudo aquilo. Fazia o plantio. Nós, nesse tempo... a gente *cavacava* era com a inchada de cabo, nós ia *coviando* e mamãe semeando o arroz. Eu ia tapando. Assim que a gente trabalhava. **Hoje em dia tá muito diferente. A gente começou plantando no facão ou na inchada, depois passou para aquela maquinazinha que ia cavando. Agora, vem esse povo lá do Sul que trouxeram aquelas máquinas grandes, acabando com tudo, colocando veneno. Nós trabalhava, mas não colocava veneno** (Grifos meu. Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

² Durante o texto, as narrativas da entrevistada aparecem entre aspas e mantidos os aspectos culturais e linguísticos da oralidade.

É importante destacar que, o agronegócio, sobretudo o plantio de soja, tem desmatado uma vasta extensão de chapadas prejudicando o meio ambiente, as nascentes dos rios, riachos e igarapés e, por conseguinte, a subsistência dos povos e territórios tradicionais da região do Baixo Parnaíba.

Segundo a bisá, a sua mãe Judite fabricava cachaça, fazia o tijolo, a rapadura de cana, que tiravam do canavial que cultivavam no sítio. “Ninguém tinha esse negócio de carro para levar as coisas de um lado para outro, era o carro de boi”. O sítio no Bom Jesus era tão farto que ela conta que recebiam compradores de frutas de várias partes da região do Baixo Parnaíba:

botava as frutas nos carros de boi e levava de dois a três dias para ir pro município de Chapadinha, pra levar para Buriti, pra Brejo... pra beira do Rio Parnaíba para botar nas canoas para subir para a cidade de Parnaíba [município do estado do Piauí]. O sítio lá da minha mãe era muito grande. (...) no princípio, era no carro de boi, aí depois quando começou a aparecer os caminhões. Os compradores quando iam comprar as frutas, traziam os caminhões lá de Brejo, dos lugares que eles vinham. Meu filho, laranja cansei de ver, a gente contar as laranjas... encher três caminhões, cheios de laranjas, iam um atrás do outro... Minha mãe pagava os homens, a gente ia também, trepar nos pés de laranja. Aí descia um cofinho [cesto feito de trançado de palha da palmeira do coco babaçu] amarrado na corda e lá eles tiravam as laranjas de dentro e despejavam ali no chão. Tornava a subir e era assim que a gente fazia (Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

Ela me relatou que desde criança sempre foi uma pessoa que passou por muitas dificuldades relacionadas principalmente às enfermidades. Quando tinha seis anos de idade, teve uma “febre”, que segundo ela, “quase como essa pandemia [covid-19] toda que está dando”. Contou-me que davam seis meses para a pessoa enferma melhorar, quem não resistia morria antes do término deste período. “Caiu o cabelo da minha cabeça todinho, minha cabeça parecia um coquinho de tucum [tipo de coco nativo, *Bactris setosa*] pelado”. Na época, a sua mãe teve que ir comprar remédio em Brejo – MA e Chapadinha – MA. “Completei os seis meses e já estava boa”. A sua mãe, minha tataravó, ficou tão desesperançada, por conta da situação que ela estava, que até mandou comprar os enfeites para o caixão, o pano para a mortalha, as velas, e deixou tudo guardado. Sobre os outros meios que eles recorriam para curar e tratar as enfermidades, ela me falou que:

Nesse tempo, quando a gente ficava doente e não podia ir na farmácia, a gente tomava era azeite de mamona. As vezes batia o azeite de mamona com sal refinado. Botava o sal na panela até secar aí ficava aquele pozinho, aí tinha a quantia que batia no azeite de mamona para dar para a criança e para o adulto. Era a pílula conto, cachaça Alemanha, fazia também aqueles chás daqueles de matos... das ervas, como a gente faz hoje em dia do boldo. O chá de caroço de abacate, quando eu tava em Brejo na casa do meu padrinho, ele tinha problema de rins, fígado e coração, aí ele tomava o chá de caroço de abacate ralado para melhorar, que serve para essas coisas. Cansei de ver as mulheres ralando o caroço do abacate pra fazer chá. Já para as doenças de criancinhas era bom a banha da cobra sucuri (Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

Avareté



A bisã me relatou também sobre as origens da nossa família e, com orgulho, contou sobre a nossa ancestralidade indígena a partir das memórias orais que foram passadas de geração em geração:

A família da minha mãe tinha descendência de italiano e de pernambucanos, um pessoal que vieram de Pernambuco. Naquela época as pessoas se mudavam muito buscando melhoria de vida. Mas não sei muito da história deles. (...) **somos caboclos índios, meu filho. A mãe do meu pai, a velha Marinha, era filha de índia. Os vaqueiros pegaram a mãe dela ainda garota lá no chapadão da Prata, interior de Chapadinha. Aqui em Chapadinha tinha muitos índios. Os índios Anapuru. Eles viviam na aldeia, por isso, se chama Aldeia** [citando o atual bairro que tem o nome Aldeia, em Chapadinha - MA]... **Era o lugar dos índios. Os vaqueiros pegaram essa garota no chapadão da Prata. Levaram ela. Ela cresceu, se casou e teve uma filha, a Marinha. Até que um dia, ouviram a criança chorando e foram lá na tapera³ onde elas moravam e a índia tinha deixado a criança na rede com um docinho feito de pó de farinha com mel.** Açúcar não existia na época, era mel ou rapadura. Deixou o docinho na boca da menina para ela comer até dar o tempo de chegar alguém lá. **E foi embora, foi pro mato.** Marinha cresceu e teve 5 filhos, um deles é meu pai. Minha mãe teve 9 filhos, sendo que 5 foram com meu pai. Paulo, eu, Vicente de Paula, Deuzenir (Pituca) e Manoel. **Por isso que digo, meu filho, temos sangue de índio... E não posso querer ser uma coisa, sendo outra diferente. Me contaram porque quiseram, essa é minha origem** (Grifos meu. Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

A ancestralidade indígena Anapuru-Muypurá que ela não só traz no sangue, mas também na forma de ver e estar no mundo, atravessou a construção da sua identidade e pertencimento ao longo da sua história de vida. Ela se expressa nos fazeres e saberes que a bisã Deuzuila vem preservando e transmitindo aos seus filhos, netos e a nós bisnetos, como por exemplo, a preservação da “farinhada”, processo da fabricação da farinha da mandioca, no qual, segundo ela, assim como toda tradição, sofreu modificações:

No Bom Jesus, eu torrava a massa para fazer a farinha. Arrancava a mandioca, raspava, puxava... naquele tempo, a gente puxava era no braço, na roda (...) aí ali a gente fazia todo aquele procedimento. Enxugava tudo e torrava. Hoje em dia é diferente porque é com um motor para cerrar a mandioca. Lá, era em roda puxando. Aí depois inventaram a *bulandeira*. Era grande e o boi puxava. Tipo no engenho moendo cana. Agora não tem mais assim. Agora tudo é na energia, é o motor. A roda que a gente puxava inicialmente para cerrar a mandioca era uma roda grande e botavam um reio que eles tiravam do couro de gado. Aí da roda grande que puxava ia lá para rodinha pequena e da roda pequena ia lá pro *catitu*, onde botava um carretel, aquela bola de cerrar a mandioca. Uma vez, na Carnaúba Amarela, quando eu tava casada e já tinha filhos, meu marido foi para a cidade levar os bois do meu sogro para apurar. Os porcos estavam estragando a mandioca já. Aí eu fui para a casa do forno com meus filhos. Fui com os meus meninos arrancar a mandioca, passamos o dia arrancando. Parece que deu umas 8 cargas. Aí voltamos pra casa. No outro dia de manhãzinha, umas 5 horas, invés dele [marido José] ir para a casa do forno mais nós, ele foi para outro canto. Aí nós fomos pra casa do forno raspar mandioca. Tirei a goma, enxuguei a massa. E passei a noite quase toda torrando a farinha. Passava a massa e depois colocava para torrar. Quando deu por volta de umas 3h e meia da madrugada, eu já tinha terminado. O pessoal tudo se admirou disso. A farinha deu 8 paneiros de farinhas. Eu tinha feito beiju, tinha tirado goma, grolado. Nesse negócio, morreu uma porca

³ Termo que deriva da palavra “taba uêra”, que no Tupi-guarani significa “aldeia abandonada” ou “casa abandonada, em ruínas”.

bêbada do *cutupi*. Os meninos deitavam e dormiam dentro dos cofos, dos jacás. Deitavam emboladinhos nos jacás, assim que eles ficavam na casa de forno comigo (Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

Quanto a Educação, ela lembra que era muito difícil na época. “Mas minha mãe levava e botou nós para estudar em Brejo e Anapurus”. Este último município recebeu o nome da etnia do nosso povo. A Bisa me disse que ela e seus irmãos se deslocavam montados a cavalos, burros e/ou jumentos do povoado Bom Jesus para a cidade de Brejo, pois na cidade de Chapadinha “aula era a coisa mais difícil que tinha”,

Minha mãe sempre dizia, que aqui eles conheceram com 14 casas, entre casas e *caxixolas* [palavra de origem indígena]. *Caxixolas* eram as casinhas que eram feitas de taipa, feitas de palha. As de adobes eram as casas oficiais. Aí tinha aquelas *caxixolinhas* por dentro do matagal. E tinha aquelas casas lá no meio, que eu alcancei, era a casa do Seu Zé Vieira, mas até a dele era feita de taipa, era bem rebocada, mas era de taipa. Aí tinha a casa de Seu Manoel Viera, de Mundica Vieira. Alcancei Chapadinha aqui, quando eu tinha meus 15 a 16 anos. Essa rua ali, Avenida Presidente Vargas, até ali perto do colégio Bandeirantes... as casas, meu filho, era uma casinha bem aqui, no meio daquelas unhas-de-gato, uma *caxixolinha*... e bem acolá tinha outra casinha. A estrada era bem larga, mas a unha-de-gato faltava pouco para fechar encima. Tinha muita unha-de-gato, era assim. Quando eu já estava grandinha tinha farmácia de Seu Manoel Vieira, a farmácia de Dona Deuzenira e da Eurides do Seu Mundiquinho Vieira. A farmácia de Seu Manoel Vieira era a farmácia mais velha que tinha aqui.” (Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

Naquele tempo, quem tinha condição financeira em Chapadinha levava os filhos para estudarem em São Luís, capital do Maranhão, ou em Parnaíba, município do Piauí. Quem não podia, levava seus filhos para estudar em Brejo. “Saia de nossa casa 12 horas da noite e quando chegava em Brejo já era das 6 às 7 horas da noite [do dia seguinte]”. Eles passavam o dia todo viajando montados em animais e levavam água e comida. “Levava farofa de capão frito, leitoa e tudo”. As vezes paravam pelo caminho para descansarem. Ela conta que iam em fevereiro e ficavam na casa dos padrinhos dela, Francisco Anício, músico brejense e Maria, que era cearense e tinha vindo para o Maranhão fugindo da seca do Ceará, e só retornavam em dezembro para o povoado. Minha bisavó, Deuzuila, começou a estudar com 6 a 7 anos e parou os estudos com 12 anos de idade, “comecei com o Alfabeto - nesse tempo era assim - estudei o Alfabeto, Castilla, Primeiro, Segundo e Terceiro ano”. Disse que no tempo da mãe dela, Dona Judite, era bem mais difícil:

No período da minha mãe, que aprendeu alguma coisa, traziam pessoas de longe que sabiam ao menos o Primário. Porque de primeiro, o Primário a gente fazia até o Quarto ano e pegava o Quinto ano. Aí a pessoa que tinha feito o Primário era considerada uma pessoa com muita educação, muito saber. É que os pais que tinham um pouco de condição, arrumava alguém e reuniam aquele bando de filhos, sobrinhos, amigos, o pessoal do lugar, para estudar aquele pouquinho. Aprender ao menos escrever o nome. A pessoa aprender escrever e saber fazer o seu nome tava tudo bom. E logo que tinha esse negócio de eleição, de política, né?! Precisavam dos votos e sem saber ler e sem saber fazer o nome não podia votar. Não podia tirar

Avareté



títulos, não podia tirar os documentos. Agora, está tudo mudado. Hoje em dia está tudo bom.” (Entrevista concedida em 6 de junho de 2020).

Aos dezenove anos, Deuzuila se casou com meu bisavô José Castro Lima (*in memoriam*), mais conhecido como Zé Cabeça, no dia 25 de dezembro. Foi no Povoado Carnaúba Amarela, interior de Chapadinha, como disse anteriormente, é o lugar onde ela mora até hoje, onde ela constituiu a nossa família com meu bisavô. Ela teve treze gravidezes e onze filhos, sendo eles: Manoel, Maria Eudy (minha avó), Manoel Haroldo, Eurenice, Eulaídes, Eridan (*in memoriam*), Erizan, Manoel Antônio - Netoim (*in memoriam*), Deuzeano (*in memoriam*), José Filho e Maria Adaídes. Sobre os partos dos seus filhos, ela lembra:

Graças a Deus, eu tive meus filhos tudo em casa! Deus me deu o poder de eu ter eles na paz de Deus e da Virgem Maria! Quando chegava gente em casa, já tinha nascido. O primeiro que eu tive foi assim mais complicado. E esse, até as “últimas”, que eles chamam. Aquelas coisas que ficam, as placentas. Foi preciso tirar. Minha avó Siurinha foi passado esse estudo pra ela, de fazer esses partos em casa. Aí ela foi e tirou. Daí pra cá tive os outros... Aí eu só tive a minha filha Eulaídes, que teve a parteira, porque o José, meu marido, trabalhava no Bom e eu ficava sozinha com os meninos. E era no inverno, no mês de abril. Mas no meu caso, ela não pegou a criança, porque eu dei as dores e quando ela chegou minha filha já tinha nascido, aí ela só ajudou depois. Aí teve o meu filho Netoim [Manoel Antônio], eu cheguei do mato, tava quebrando coco babaçu. Cai lá no mato. Aí eu já vim tarde. Quebrei ainda 12 litros de coco com o barrigão no mês de ter ele. Cheguei e não deu tempo nem de lavar minhas mãos, aí tive ele. E depois vieram os outros (Entrevista concedida em 6 de junho de 2020).

No que se refere a trabalho, Deuzuila trabalhou a vida toda “tirando roça”, cuidando da criação de animais (galinhas, porcos, bodes etc.), fazendo farinhada, costurando e quebrando coco babaçu para tirar azeite e/ou vender a amêndoa e assim conseguiu alguma renda para criar e educar seus filhos. Pescava no Rio Munim e pegava muito peixe. “Às vezes, fazia moqueca de piabinhas, pegava aquele monte de piaba, temperava com cheiro-verde, enrolava na palha da bananeira e jogando na brasa”.

Assim como sua mãe, Deuzuila batalhou para colocar ela e seus irmãos na escola, seguindo o mesmo caminho da sua mãe, Deuzuila não fez diferente com seus filhos. Sempre lutou para que os filhos pudessem estudar:

Chegou o tempo que os meninos já estavam no ponto de estudar. Primeiro, foram estudar com minha irmã [Deuzalina] lá no interior no Bom Jesus que ela estava sendo professora lá. Batalhei para criar todos, para dar educação. Aí compramos aquele ranchinho [casa em Chapadinha - MA] para eles poderem estudar na cidade. Eu vinha do interior pra lá a pé. Bicicleta, carro, moto, essas coisas assim eram as coisas mais difíceis que tinha. Hoje em dia a gente tá é relaxando tudo, ninguém quer mais andar. Os transportes que a gente tinha era cavalo, burro, jumento ou então no pezinho, assim que a gente viajava. Aí fomos enfrentando. Aí eu passava semana na cidade e semana no interior. Passava semana com eles trabalhando. As vezes passava meses. Eu plantava sibola, plantava alface nos canteiros. Trazia as coisas

do interior, trazia estrume, madeira e fazia tudo. E meus filhos vendiam, o pessoal ia e comprava. Eu fazia os canteiros de sibola, pimentão, tudo isso eu fazia. Fazia pastel para eles vender. Fazia cuscuz. Trabalhava com costura, costurava roupas para o pessoal na minha máquina. Assim foi indo. Hoje estão todos grandes, com filhos e netos (Entrevista concedida em 6 de junho de 2020).

Adepta do catolicismo apostólico romano, mas popular, e devota de Nossa Senhora, ela encontrou na fé a força para enfrentar as dificuldades da vida. Usa apenas roupas de cor azul e/ou branco, anda se apoiando no bastão que tirou na mata do povoado Carnaúba Amarela e aos 81 anos de idade guarda consigo muitas histórias para contar e sabedoria ancestral para ensinar, como os saberes sobre as ervas e folhas:

Antigamente tinha debaixo do pé de caju lá de casa umas moitas de pé de tipi. Tipi tem suas ciências, eles afastam coisas ruins, exala aquele fedor forte para espantar os coisas ruins. Aí os tipis se mudaram de lá, não sei pra onde eles foram. Porque tipi é assim passa um tempo ali e depois se muda. Igual coentro-caboclo. E eu digo isso porque quando eu era criança eu fazia era ver. Tinha uma moita de pé de coentro-caboclo debaixo do pé de jaca eu brincando e vi e no outro dia fui ver não estava mais lá, tava do outro lado, bem longe do pé de jaca. E coentro-caboclo é muito raro de encontrar. E quem tem em casa nem sempre gosta de dar para as pessoas. Quando você vai pegar para plantar, você tem que falar pro coentro-caboclo “Vem comigo, vem comigo, vem comigo”. Se não falar tu pode até levar pra plantar que ele não vai pegar. Tem gente que faz remédio com ele, mas a folha dele no feijão é tão gostosa. Quem eu sabia que tinha na Carnaúba Amarela era a Domingas, não sei se eles ainda estão lá, se não já se mudaram (Entrevista concedida em 06 de junho de 2020).

Minha bisá, Deuzuila Machado, cavacou suas memórias e me contou tantas histórias que daria um livro ou mais. Não é à toa que nas culturas indígenas e africanas os anciões são considerados verdadeiras bibliotecas vivas para seus povos, nos revelando assim a importância da oralidade para nós, povos marginalizados. São as memórias que fazem com que continuemos vivos, sendo assim a maior forma de resistência possível para nós. E, apesar deste texto ser breve, espero que tenha sido capaz de mostrar, ainda que brevemente, traços da nossa cultura, do nosso modo de fazer e operar no mundo, nosso mundo, mundo Anapuru Maypurá, contado através da trajetória de vida de Deuzuila Machado Anapuru Maypurá, mulher batalhadora, que semeia sabedoria e luta. “O plantio continua”.

Avareté



SEMENTES TEIMOSAS: Tentaram nos enterrar, mal sabiam que éramos sementes

*Por isso, que digo meu filho, temos sangue de índio...
E não posso querer ser uma coisa sendo outra diferente.
Me contaram porque quiseram, essa é minha origem
Deuzuila Machado.*

Meu nome é Lucca Muypurá, pertencço à etnia Anapuru-Muypurá da região do Baixo Parnaíba maranhense. Nasci e cresci em Chapadinha – MA, no Povoado Carnaúba Amarela. Sou bisneto primogênito de Deuzuila Silva Machado que é neta de uma mulher indígena Anapuru que foi sequestrada na região de chapada do atual Povoado Prata, interior do município. Fazendo um contraste com a história contada nos documentos históricos, na época, a Província tinha declarado guerra ao nosso povo.

O povo Anapuru, também conhecido como Muypurá (palavra que significa "fruto do rio") já vivia na região do Baixo Parnaíba do Maranhão no século XVII, às margens do Rio Parnaíba e dos rios que banham a região, como o Rio Munim, em Chapadinha - MA. Existem bibliografias que apontam que este povo é uma ramificação dos Amoipira⁴ (ou Moipura) que viviam as margens do rio São Francisco, no sertão baiano, e migraram para o Maranhão após os conflitos coloniais. De acordo com Anderson Lago (1989, p. 17), o nosso povo era dividido “em Anapurus-Mirins e Anapurus-Açu” e dedicavam-se mais à lavoura de alimentos de subsistência do que à pesca e à caça de animais. Costumes que ainda são mantidos por muitas de nossas famílias que ainda vivem no campo, plantando e cultivando.

Para os historiadores, Chapadinha nasceu por volta do século XVIII, com fixação em 1783, e era aproximadamente a 500 metros do centro da cidade na direção Sul, mais precisamente no atual bairro Aldeia. Naquele local, era uma aldeia dos indígenas Anapuru-Muypurá, minha bisavó confirma essa informação pelas Histórias e Memórias que ela conta e que foram passadas de geração a geração.

Em 1684, os indígenas Anapuru-Muypurá já viviam também nas terras da atual cidade de Brejo - MA e lutaram contra os invasores/colonizadores portugueses que queriam invadir o território. Em

4 Os Amoipira. Em 1658-1659, o domínio de "Moipura" em Zauipe (aproximadamente abaixo de 10 ° lat. S., na margem esquerda do São Francisco) foi conquistado pela província de Pernambuco (ANNAIS ARCH. PUBL. E MUSEU, 1919, p. 69). Depois da revolta dos índios do Piauí em 1713, os Moipura migraram com outros povos para a região de fronteira dos estados de Piauí, Maranhão e Goiás (AIENCASTRE, 1857, p. 23).

1709, mataram o povoador português Manuel dos Santos e outros seis ajudantes que queriam catequizá-los, impor a cultura do invasor. Desde então, o governo da Província expediu várias ordens oficiais para que se fizesse guerra aos indígenas, considerados "bárbaros tapuias" pelos colonizadores. Mas, para isso, usaram guerreiros de outros povos originários escravizados trazidos da Serra da Ibiapaba do Ceará, colocando uns contra os outros - parentes contra parentes. O processo de colonização que perdura até hoje, ainda se utiliza dessa estratégia.

Em 19 de setembro de 1795, depois de muitos conflitos, os indígenas Anapuru Muypurá conquistaram três léguas de terras em quadro no aldeamento Brejo dos Anapurus onde hoje é a cidade de Brejo – MA, por meio de uma Carta de Data e Sesmaria do Governador da Província, até hoje há uma pedra pião que serviu para marcar o território do lado da Igreja Matriz de Brejo, nela está escrito "INDIOS". Daí em diante, começou um processo colonizador de aculturação para "civilizá-los" e tentar torná-los "não indígenas" e o próprio processo da miscigenação que buscou embranquecer, através de categorias como "caboclo", "mestiço" e "pardo".

Avareté



Momento da entrevista realizada com Deuzuila Machado, sob mediação de seu bisneto Lucca Muypurá.
Foto: Adaildes Machado, Chapadinha – MA, 2020



Em 1880, quando os indígenas do aldeamento Brejo dos Anapurus reivindicaram seu direito a essa terra, foram chamados de “supostos índios” e obtiveram a seguinte resposta do então Diretor Geral dos índios:

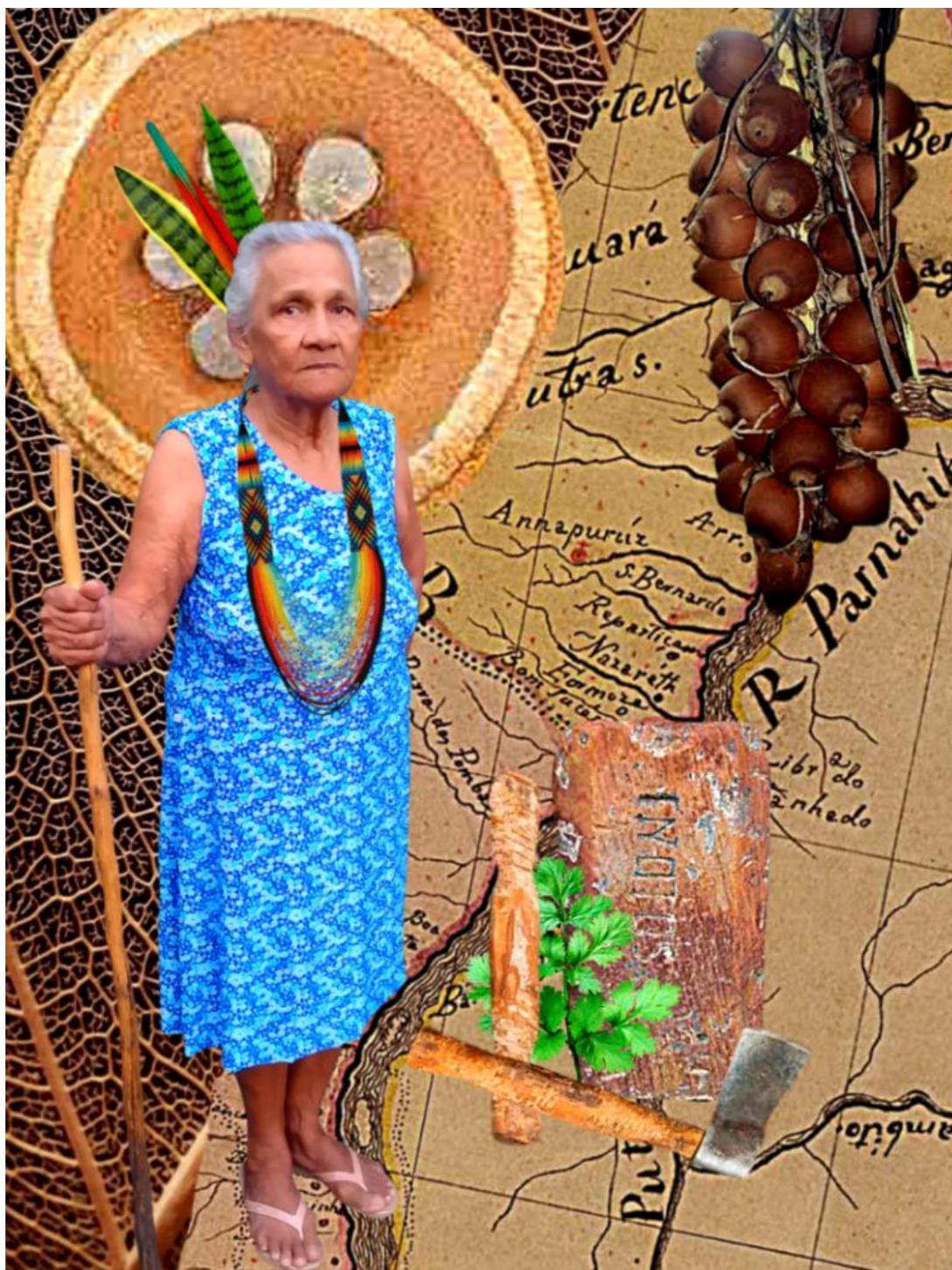
Hoje, que já tem decorrido cerca **de 85 anos que ali não existem índios** sujeitos a esta diretoria geral, e **que as terras em questão**, segundo sou informado, **pertencem legalmente a outros possuidores**, me inexequível a pretensão dos **supostos índios** que figuram na relação que acompanha a dita representação, que não se acha selada e apenas assignada a rogo do nome de Joaquim dos Santos por Bernardo José Chaves (Grifos meu. D'OLIVEIRA, 1880).

Esse processo foi sem dúvidas mais uma forma de silenciamento/apagamento da nossa identidade e de negação/violação do direito ao nosso território ancestral, imposto por uma lógica colonizadora, que até hoje é a base da nossa sociedade, está na estrutura. Entretanto, estamos aqui, somos Anapuru Muypurá e estamos nos reorganizando para tirar a **pedra** que colocaram sobre nossas existências. Somos muitos, sementes teimosas. E atualmente estamos em processo de retomada, lutando pelos nossos direitos, pelo o *bem viver* e o reconhecimento de quem somos, povo Anapuru Maypurá.

Os povos indígenas chamados de “emergentes” são povos indígenas que em um dado momento histórico pararam de se reconhecer como tal, por diversos motivos e que, a partir de um novo contexto histórico, passaram a reafirmar esta identidade, num processo conhecido como Etnogênese, é o que nós Anapuru-Muypurá estamos vivenciando no Baixo Parnaíba maranhense. No Brasil, este processo vem ocorrendo em várias regiões, sobretudo, aqui no Nordeste brasileiro.

Não é apenas uma questão de termos “sangue de índio”, a nossa ancestralidade indígena Anapuru Muypurá nos atravessa durante toda nossa trajetória, nos costumes e tradições que ainda são mantidos e expressos no nosso cotidiano, nas Memórias que são passadas dos mais velhos aos mais novos. Na forma de plantar e cultivar, na relação com a Natureza, nas práticas religiosas como a Cura/Pajelança, no culto aos Encantados, na nossa cosmovisão. Ser indígena é conhecer sua história e se conectar a sua ancestralidade, isso diz muito da nossa forma de ver e estar no mundo. Tenho ancestralidade indígena e me autodeclaro Anapuru Muypurá com orgulho.

O Povo Anapuru-Muypurá resiste!



Avareté

Dona Deuzuila. Colagem Virtual⁵ de Flávia Nascimento

⁵ O mapa histórico, usado na composição da colagem, localiza "Anapurúz" onde foi o último Aldeamento do Povo Anapuru-Muypurá, a Aldeia Brejo dos Anapuru, onde hoje é a atual cidade de Brejo. A pedra que aparece na colagem foi usada



Foto: Lucca Muypurá, Chapadinha – MA, 2020.

Referências

AIENCASTRE, José M. P. de. **Memoria, etc... do Piauhy**. Rev. Inst. Hist. Geogr. Rio de Janeiro, XX, 1857, p. 23.

ANNAIS ARCH. PUBLIC. E MUSEU. **Bahia**, 1919, IV-V, p. 69.

D'OLIVEIRA, Laurindo. **Ofício do Diretor Geral dos índios**, 15 de março de 1880.

LAGO, Anderson de Carvalho. **Brejo, Aldeia dos Anapurus**. São Luís: Secretaria de Cultura, 1989.

como pião de centro para demarcar o território do aldeamento e até hoje ela está ao lado da Paróquia de Brejo, nela está grafado INDIOS.